

“#OCUPAIEPIC”: representações culturais
da juventude na ocupação de uma escola estadual
em Niterói-RJ

"#OCUPAIEPIC": cultural representations of the youth
in the occupation of a state school
in Niterói-RJ

"#OCUPAIEPIC": representaciones culturales
de la juventud en la ocupación de una escuela pública
en Niterói-RJ

Angelina Accetta Rojas

Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho (Iepic); Centro Universitário La Salle do Rio de Janeiro (Unilasalle), Niterói/RJ - Brasil

Marcelo Maia Vinagre Mocarzel

Universidade Federal Fluminense (UFF); Centro Universitário La Salle do Rio de Janeiro (Unilasalle), Niterói/RJ - Brasil

Mary Rangel

Universidade Federal Fluminense (UFF); Centro Universitário La Salle do Rio de Janeiro (Unilasalle), Niterói/RJ - Brasil

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro/RJ - Brasil

Resumo

A ocupação de espaços públicos se tornou uma importante ferramenta de resistência da juventude, ao longo do século XX, contra as imposições da sociedade. A partir dessa constatação, realizou-se uma observação participante em uma escola pública do município de Niterói, durante o movimento de ocupação de 2016, que se espalhou por diversas unidades escolares da rede estadual. O foco da análise foi a relação dos jovens com a arte e as representações produzidas durante o período. Como parte dos resultados, pode-se constatar que a arte é um importante elemento de pertencimento e de reconfiguração identitária, em busca de uma maior democratização do espaço público escolar.

Palavras-chave: Juventude, Ocupação, Arte, Representações culturais

Abstract

The occupation of public spaces has become an important tool of youth resistance, throughout the twentieth century, against the impositions of society. From this evidence, we held a participant observation in a public school in the city of Niterói, during the 2016 occupation movement, which has spread to several school units of the state of Rio de Janeiro. The focus of the analysis was the relationship between young people and art and

representations produced during the period. As part of the results, we concluded that art is an important element of belonging and identity reconfiguration seeking greater democratization of the public school space.

Keywords: Youth, Occupation, Art, Cultural representations

Resumen

La ocupación de los espacios públicos se ha convertido en una herramienta importante de la resistencia de la juventud, a lo largo del siglo XX, en contra de las imposiciones de la sociedad. A partir de esa evidencia, llevamos a cabo una observación participante en una escuela pública en la ciudad de Niterói, durante el movimiento de ocupación de 2016, que se ha extendido a varias unidades escolares del estado. El objetivo del análisis fue la relación de los jóvenes con el arte y representaciones producidas durante el período. Como parte de los resultados, se puede observar que el arte es un elemento importante de pertenencia e reconfiguración de identidad en la busca de una mayor democratización del espacio de la escuela pública.

Palabras clave: Juventud, Ocupación, Arte, Representaciones Culturales

1. Introdução

De quem é a escola pública? Durante muito tempo, partiu-se da ideia de que quem mandava na escola era a direção, os professores ou mesmo a Secretaria de Educação. Figuras de poder eram os cânones desses espaços, fossem eles escolas ou universidades. As ocupações dos estudantes nos mostram uma realidade diferente, que iremos relatar a partir de uma análise empírica, articulando a observação em campo e estudos teórico-metodológicos. O objetivo geral deste trabalho é, em última instância, compreender as novas relações que se estabeleceram entre os jovens alunos e alunas e o espaço escolar, mediados pelas manifestações artísticas e culturais por eles produzidas.

Este trabalho é parte de uma pesquisa etnográfica desenvolvida junto aos alunos do Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho (Iepic), tradicional escola estadual localizada no município de Niterói, na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro. A investigação, desenvolvida no âmbito do Núcleo de Arte e Cultura do Centro Universitário La Salle do Rio de Janeiro (NAC/Unilasalle-RJ), fez uso da observação participante durante sessenta dias de ocupação na escola, a partir das vivências e interpretações.

Como nos mostra Geertz (2008), a análise, na etnografia, consiste prioritariamente na escolha entre estruturas de significação, determinando sua base social e sua importância. Nesse sentido, escolhemos investigar as

representações artísticas e culturais dos alunos ao longo do período investigado, sendo esse um dos muitos enfoques possíveis. Acreditamos que a arte é uma das mais legítimas formas de expressão, sobretudo dos jovens, pois ela traz em si o que não é dito, preocupações, projetos de vida, questionamentos, catarses.

A fim de entendermos um pouco mais sobre o movimento, denominado pelos alunos e alunas de “#OCUPAIEPIC”, traçamos um pequeno contexto da juventude ocidental no século XX, sobretudo após a Primeira Guerra Mundial. Esse contexto nos ajuda a entender situações de pertencimento/não pertencimento dessa categoria, ao longo das últimas décadas, resgatando, no contexto brasileiro, algumas situações que dizem respeito às primeiras ocupações como mecanismos de protestos. A partir daí, faremos o recorte para o movimento dos estudantes da rede estadual do Rio de Janeiro em 2016.

As análises nos permitirão destacar algumas representações artísticas dos alunos e alunas do lepic, a fim de descortinarmos algumas questões referentes ao pertencimento dos jovens e à ocupação do espaço escolar. É a partir da descrição densa (GEERTZ, 2008), que conseguimos produzir novos sentidos sobre a realidade, identificando como o espaço público pode ser utilizado de diferentes maneiras.

O lepic é uma das mais importantes escolas públicas do Brasil, pelo seu caráter histórico. Fundada em 1835, com o nome de Escola Normal de Nichteroy, foi o primeiro colégio voltado para a formação de professores normalistas das Américas. Nesse momento, a cidade de Niterói passava à categoria de capital da província do Rio de Janeiro, o que conferia uma centralidade à escola no território nacional (ROMANELLI, 2010). Hoje, a escola é uma das poucas a manter o curso normal em atividade, mesmo com constantes ameaças de seu fechamento por parte do governo do estado.

A ocupação da escola se iniciou em 07 de abril de 2016, uma quinta-feira, quando outras dez escolas estaduais já haviam sido ocupadas na cidade do Rio de Janeiro. Naquele momento, o movimento de profissionais da educação, em greve no estado do Rio de Janeiro, era crescente e forte. O marco da ocupação das unidades escolares pelos estudantes apontou a primeira escola a ser ocupada no município de Niterói, o lepic. A

preocupação e os olhares das autoridades, provavelmente, não incluíam essa unidade como pioneira nessa ação na cidade.

A inovação dos manifestos dos alunos do Iepic e de outras escolas se destacam, prioritariamente, por assumir, com tranquilidade e criatividade, o seu lugar e compromisso políticos, obtendo a adesão dos professores, com quem dialogaram antes e durante a ocupação, sem agressões verbais ou embates diretos. A vivência colaborativa nas ocupações faz desses movimentos algo diferente de muitas outras formas de manifesto.

2. Sobre juventude e ocupações

Segundo Ariès (2012), “a consciência da juventude tornou-se um fenômeno geral e banal após a guerra de 1914, em que os combatentes da frente de batalha se opuseram em massa às velhas gerações da retaguarda” (p. 14). Essa tomada de consciência coletiva reverberou no período Entreguerras, marcando com mais exatidão esse período peculiar da vida: a infância foi empurrada para trás, e a maturidade projetada adiante (ARIÈS, 2012).

O conflito armado se encerrou oficialmente em 1918, mas legou um dos mais duros períodos à economia global: o modo de produção capitalista entrou em colapso e o mundo enfrentou a sua maior crise econômica, tendo como epicentro a quebra da Bolsa de Valores de Nova York, em 1929. O período da Depressão atingiu não só os países derrotados, mas também os que saíram vitoriosos do conflito. Segundo Hobsbawm (1995), a devastação física e econômica da Europa central acabou por deixá-la pronta para a influência do fascismo.

A década de 1920 deu à juventude da classe trabalhadora mais motivos para lutar; dessa vez, dentro dos seus próprios países, em busca de melhores condições de vida e consumo. O conflito geracional do período após a Primeira Guerra Mundial começou a fazer emergir uma categoria até então renegada; a disputa de espaço dos jovens veteranos com os velhos fez com que os grupos juvenis começassem a buscar uma vida idealizada, bebendo, fumando, frequentando clubes e festas (SAVAGE, 2009; GROppo, 2000a). Surgiram, nesse momento, inúmeras associações de jovens que visavam prioritariamente à convivência social.

De acordo com Savage (2009), “o hedonismo virou uma ideologia” (p. 208). Surgiram os grandes astros do cinema, como Rodolpho Valentino e Greta Garbo, representando a era de ouro de Hollywood, o culto à fama e à beleza e a idealização, por parte de moças e rapazes, de um determinado estereótipo. Os jovens começaram a se ver efetivamente como categoria, ainda que não definidos e reconhecidos oficialmente pelos meios de comunicação e pelas políticas públicas, o que só aconteceu de fato, nos anos 1960, com a revolução cultural e social impulsionada por eles através dos protestos universitários.

Após a quebra da Bolsa de valores em 1929, iniciou-se a Depressão e o pessimismo imperava entre todos, sobretudo os jovens. As políticas de bem-estar social, criadas para combater a crise nos países liberais – e também nos fascistas – trouxeram o aumento da escolaridade para a juventude pobre, bem como o reconhecimento de algumas de suas demandas por parte das instituições. Esse movimento começou a exigir contrapartidas: o livre-mercado passou a contar com novos consumidores, um novo público-alvo, com exigências próprias; o eixo fascista começou a preparar suas juventudes, de forma bastante didática, para os anos de horror que se seguiriam. A Juventude Hitlerista e os grupos jovens de Mussolini (*Avanguardisti; Gioventù Italiana del Littorio*) passaram a moldar a grande maioria da população jovem dentro de valores militaristas e ultranacionalistas (HOBBSAWM, 1995; ROSA, 2009; PASSERINI, 1996).

O mito construído sobre a juventude fascista atribuía aos jovens algumas características naturais, como “o entusiasmo, a impulsividade, a presteza e o fervor ativo, a intuição, a audácia e o orgulho” (PASSERINI, 1996, p. 332). A essas características “naturais”, somava-se o que os regimes ensinavam: capacidade de domínio das paixões, disciplina, cultura e preparação político-militar.

A Segunda Grande Guerra teve origens mais óbvias que a anterior. Hobsbawm (1995) não deixa dúvidas: “Em termos mais simples, a pergunta sobre quem ou o que causou a Segunda Guerra Mundial pode ser respondida em duas palavras: Adolf Hitler” (p. 43). O ideal de vingança e retomada moldou o III Reich e foi o estopim da guerra, capturando como combustíveis a desonra sofrida pelo Japão e a falta de independência da

vacilante Itália. Todavia, os motivos que levaram à guerra são menos relacionados à juventude (ainda que sejam, de alguma forma, como já mencionamos, com a constituição das juventudes fascistas) do que o seu derradeiro encerramento.

Com o lançamento das bombas atômicas contra as cidades de Hiroshima e Nagasaki, em 1945, o mundo se viu diante de uma paz forçada. A presença daquele tipo de armamento em uma guerra poderia causar a destruição do planeta. Então, a população mundial se viu, pela primeira vez, ameaçada em sua totalidade, e a audácia norte-americana de utilizar as bombas para assegurar a rendição do Japão fez com que a União Soviética começasse a se preparar para um novo conflito, com armas da mesma magnitude. Iniciava-se aí o período da Guerra Fria, paralelamente a uma revolução cultural (HOBBSAWM, 1995).

Curiosamente, a bomba atômica foi o combustível para a revolução cultural. A crítica ao modelo político vigente fomentou o surgimento de uma série de movimentos sociais e culturais, com expressões na música, no cinema, nas artes etc. Isso fez com que surgisse, de fato, uma cultura juvenil com reconhecimento.

Uma cultura adolescente-juvenil relativamente nova se constitui por volta de 1955, a partir de certo número de filmes, entre os quais os mais significativos são os de James Dean e Marlon Brando, com títulos por si mesmos reveladores – *Rebel Without a Cause*, *The Wild One* – que revelam novos heróis, adolescentes no sentido próprio, revoltados contra o mundo adulto e em busca de autenticidade. (MORIN, 2009, p. 138)¹

Tal revolta se dá, não apenas em termos estéticos, mas, sobretudo, em termos políticos. Os jovens heróis, sobreviventes da guerra, percebem, a partir do cinema e da música, que poderiam unir-se em um sentimento de classe etária para mudar o mundo.

No próprio desenho do conceito de juventude, a ideia de revolução já estava presente. Quanto mais a juventude se desenvolvia como grupo social, mais claro ficava que na sociedade não havia um espaço político para ela. Assim, Hobsbawm (1995) afirma: “Os grupos jovens, ainda não assentados

¹ Os filmes citados são *O Selvagem* (1953), com Marlon Brando, e *Juventude Transviada* (1955), com James Dean.

na idade adulta estabelecida, são o *locus* tradicional da alegria, motim e desordem (...)” (p. 294).

A partir do final dos anos 1940, os jovens de países dominantes, como Estados Unidos, Inglaterra e França, começam a anunciar o que seria chamado, nos anos 1960 e 1970, de uma “cultura juvenil”. Muitos dos veteranos de guerra eram garotos no auge da juventude, sem muitas perspectivas e com muita bagagem de enfrentamento. A ascensão financeira desse grupo passou a interessar o mercado do entretenimento, que rapidamente passou a produzir filmes, músicas e locais de lazer para reunir essa juventude que buscava uma identidade.

Dois movimentos ocorreram, em paralelo, na constituição da cultura juvenil do pós-guerra: de um lado, a “radicalização política dos anos 1960” (HOBBSAWM, 1995, p. 318), antecipada por jovens marginais que não aceitavam o rótulo de criança, nem de adulto; por outro, pela figura do herói jovem e transgressor, herdado da guerra, que acabou por consagrar James Dean como mito nos anos 1950 e abriu as portas para o *rock*, como música e comportamento.

O internacionalismo dessa nova cultura juvenil, acompanhado do recém-adquirido poder de compra, fez com que o fenômeno *rock* se espalhasse pelo mundo. Astros como os *Beatles* e os *Rolling Stones* criaram uma cultura de massa e não mais de minoria, como antes ocorria, dominando os meios de comunicação e impulsionando a venda de discos, livros, cigarros e filmes voltados para essa faixa etária. Pela primeira vez, a cultura dos jovens se colocava como algo dominante, com reflexos até os dias de hoje. Hobsbawm (1995) indica que a cultura jovem se transformou na matriz da revolução cultural, modificando costumes e valores, “nos meios de gozar o lazer e nas artes comerciais, que formavam cada vez mais a atmosfera respirada por homens e mulheres urbanos” (p. 323).

Durante a Guerra Fria, quando os Estados Unidos impuseram seu poder dominante sobre o mundo ocidental, “a divulgação pós-guerra dos valores americanos teria como ponta de lança a ideia do *teenager*” (SAVAGE, 2009, p. 498). A dominação, muito mais que econômica, era também cultural. O mundo passou a consumir a América nos filmes, livros, buscando vestir-se como os astros de Hollywood, ouvindo as músicas que

tocavam nas rádios norte-americanas. O ideal do *teenager* americano buscava viver o agora, o prazer, o consumo da maneira mais intensa possível, difundindo o que se convencionou chamar de “*American Way of Life*”, um produto de exportação até os dias de hoje. Entretanto, não foi apenas das revoluções culturais que a juventude se fez. No campo político, sua presença se intensificou ao longo do tempo, criando episódios marcantes ao longo da história mundial, tendo como eixo norteador as revoltas estudantis de maio de 1968.

A década de 1960 foi marcada pela mobilização estudantil ao redor do mundo, e o mês de maio de 1968, seu grande ápice. De acordo com Araujo (2009), estima-se que os estudantes de quarenta países realizaram levantes influenciados pela ocupação da sala do Conselho Universitário da Universidade Paris – X, em Nanterre. No entanto, muitas outras manifestações vinham ocorrendo e construindo esse momento histórico.

Segundo Groppo (2000b), os principais fatores históricos que influenciaram o comportamento dos jovens estudantes em todo o mundo foram:

- a) Geopolíticos: Guerra Fria; descolonização e movimentos anti-imperialistas no Terceiro Mundo.
- b) Socioeconômicos: o *boom* econômico mundial do pós-guerra e ascensão das novas classes médias.
- c) Político-culturais: a questão da universidade, o novo radicalismo (ou Nova Esquerda), a Contracultura, a mídia e a indústria cultural. (p. 24)

Nos Estados Unidos, por exemplo, ao longo da década de 1960, os estudantes ocuparam diversos *campi* universitários, em busca do fortalecimento de seu papel político e de reformas acadêmicas. Foi o caso da revolta dos estudantes da Universidade de Berkeley, na Califórnia, que protestaram contra “o caráter opressivo da administração, a omissão do corpo docente, a anomia da vida cotidiana (...)” (BRITTO, 1968, p. 45).

Groppo (2000b) afirma que, no ano de 1964, já circulavam em Berkeley panfletos acusando a tecnocracia da instituição, associando alunos a máquinas e apontando para o excesso de hierarquia, disciplina e produtividade. Da mesma forma, em Berlim Ocidental, em 1967, estudantes protestaram contra a visita do xá do Irã à Alemanha, acusando o regime ditatorial de exterminar opositores. A própria guerra pela independência da Argélia, encerrada em 1962, trouxe “um sentimento de mal-estar correlato na

sociedade francesa – que acabou sendo muito bem expresso pela mobilização dos estudantes universitários, através da União Nacional dos Estudantes da França (UNEF)” (GROPPO, 2000b, p. 30).

No Brasil, as ocupações também ocorreram nos anos 1960. Há um registro, em Recife, de 1961, quando estudantes realizaram greve e ocuparam a instituição por mais de trinta dias, tomando conta dos noticiários e da opinião pública e levando o ministro da Educação, Brígido Tinoco, a mando do presidente Jânio Quadros, acompanhado do prefeito Miguel Arraes, às negociações. (BRAGHINI, 2015)

Os alunos denunciavam irregularidades nos concursos das cátedras, favorecimento de parentes por parte da direção, falta de conservação do patrimônio, aulas ministradas por assistentes sem competência técnica, entre outras questões. Braghini (2015) mostra que a ocupação da reitoria do Recife foi um fato inédito à época, inclusive para estudantes de outras universidades, solidários à causa.

Também foi peculiar que os próprios estudantes da FFCL da USP considerassem a “ocupação” da reitoria em Recife como um fato estranho. De acordo com Huerre, Reymond e Reymond (2000)², ficar alojado dentro da instituição de ensino era uma prática nova de manifesto e, por isso, causava estranheza entre os próprios estudantes. Os jovens americanos, franceses, japoneses e alemães também utilizaram tal prática no mesmo período, o que demonstrou, além da circulação mundial de um costume inventado, a emergência de uma forma irreverente de uso dos espaços escolares. (p. 112)

Segundo Pais (2014), as manifestações existem para contestar, enquanto “conjuntos de comportamentos simbólicos e ritualizados, apontam uma forma de resposta – que pode qualificar de sublimação – às incertezas, à ambivalência social, à crise” (p. 77). Ainda de acordo com o autor, pelo fato de os jovens estarem quase sempre afastados dos centros de poder, as manifestações “constituem um pretexto para que os jovens ritualizem identidades rebeldes” (PAIS, 2014, p. 78).

A universidade, segundo Hobsbawm (1995), representava, para uns, o confinamento, a regra, e para a grande maioria, a falta de oportunidades decorrente da recente migração em massa de camponeses para as cidades. A mobilização estudantil por uma nova universidade e a falta de resposta por

² HUERRE, Patrice; REYMOND, Martine-Pagan; REYMOND, Jean-Michel. *Adolescência não existe* – histórias das atribuições de um artifício. Lisboa: Terramar, 2000.

parte das autoridades (inclusive universitárias) acabou gerando a demanda por uma nova sociedade, ancorada em ideais de esquerda.

De um lado, estavam os jovens universitários – uma das juventudes que hoje percebemos – querendo mudança; de outro os adultos, decididos a manter o *status quo*, devido às experiências de miséria e desemprego que enfrentaram durante as guerras. Para Hobsbawm (1995), a forma de protesto através da ocupação estudantil influenciou – e influencia até hoje – outros movimentos sociais, como as mulheres feministas, o movimento *gay* e grupos antirracismo.

Provavelmente, esse é o grande ponto de inflexão: para os adultos, aquela sociedade representava a vitória, a saída de períodos muito mais sofridos. Para os jovens, uma sociedade que não dava conta de seus anseios e necessidades. Eles queriam mais; por não carregarem o ressentimento do extremismo das guerras, desejavam mudar a sociedade que conheciam, pois ela não atendia mais aos seus interesses.

A legitimidade dos grupos *juvenis* se deu, somente, quando eles se constituíram como uma grande massa, fecharam ruas e estabelecimentos, monopolizaram os noticiários, pararam o país e o mundo. O próprio revolucionário russo Leon Trotsky, nos anos 1930, já reconhecia o poder de transformação da juventude: “Mas de qualquer canto que partam os ataques contra as camadas dirigentes, seja da direita ou da esquerda, os atacantes encontrarão suas forças principais entre os jovens sufocados, descontentes e privados de direitos políticos” (TROTSKY, 1968, p. 33). Apontava ainda para o perigo que a impulsividade da juventude poderia trazer, pois sua falta de experiência fazia com que pudesse ser manipulada para determinado fim, pois, mesmo no âmbito revolucionário, continuava a existir alguma espécie de submissão às gerações mais velhas.

3. #OCUPAIEPIC

Podemos constatar que tanto as ocupações universitárias norte-americanas, como as greves na Itália e, sobretudo, as revoltas de maio de 1968 ficaram marcadas como divisores de águas na sociedade contemporânea. Se, antes, a juventude se reunia a partir da cultura, dali ela

se viu empoderada para lutar politicamente e transformar a sociedade. Antes, a participação dos jovens nas revoluções políticas era algo secundário; após esses eventos, passou a ser cobrado dos jovens um papel de protagonismo. Como afirma Eisenstadt (1968), os grupamentos juvenis realizam prioritariamente atividades preparatórias: preparam a sociedade para as mudanças desejadas.

Ainda hoje, essas atividades preparatórias possuem lugar de destaque. O documentário *Torre de Marfim*³, ao criticar o sistema universitário norte-americano, sobretudo suas formas insustentáveis de financiamento, mostra a ocupação de alunos na *Cooper Union*, instituição filantrópica de ensino superior, criada pelo empresário Peter Cooper, em 1859. O filme relata momentos da crise financeira da instituição, que anunciou que passaria a cobrar mensalidades, pela primeira vez em sua história, e enfrentou ocupações de jovens alunos na reitoria por meses, até a revogação da decisão e a posterior saída do reitor.

Esse e outros exemplos, como o Movimento Passe Livre, a ocupação estudantil das escolas em São Paulo, em 2015, e de escolas no Rio de Janeiro, em 2016, mostram como o poder juvenil de mobilização, ocupação do espaço e reorganização da lógica vigente ainda são férteis e eficazes. Esse último caso merece destaque neste trabalho. A partir do acompanhamento da ocupação em uma escola estadual do município de Niterói-RJ, buscamos entender qual o sentido da tomada do espaço pela juventude e quais as representações sociais produzidas a partir desse movimento.

O cartaz com a manifestação do valor político de ocupação da escola e a mobilização dos alunos demonstram e propõem um voo que eleva e fortalece o poder político da comunidade discente.

³ TORRE de Marfim (*Ivory Tower*). Direção: Andrew Rossi. CNN Filmes, 2014. (90 min).



Imagem 1: Cartaz do movimento de ocupação dos secundaristas

De acordo com os estudantes, ocupar é mais do que tomar posse: é devolver à sociedade aquilo que é dela por direito. É a consolidação da caminhada rumo a uma possível escola cidadã. Alguns dos princípios desse novo modelo, proposto pelos jovens, são endossadas por Silva (1999), que aponta a democratização como a maior exigência dos espaços públicos. A ocupação listou algumas demandas, dentre elas, a construção da gestão democrática na escola, passando pela garantia da participação de todos os segmentos nas decisões e encaminhamentos; maior sensibilidade às demandas e anseios da comunidade, utilização do espaço público para construção e vivência da cidadania; maior interação entre representantes e representados, fortalecendo a participação de cada segmento do conselho escolar; garantia de espaços de discussão e integração de cada segmento para encaminhamento de solicitações específicas de suas necessidades: formação de lideranças (grêmio de estudantes, funcionários, professores/as e pais), visando ao exercício da representatividade, bem como eleições diretas e a sedimentação das conquistas no âmbito pedagógico.

Nos anos 1960, Freire (2005) já nos mostrava que a educação é um ato político. Porém, foi interessante observar que a ocupação não foi somente um ato de contestação política, mas também um processo formativo para todos os envolvidos: professores e professoras, alunas e alunos, funcionários e funcionárias e a comunidade em geral. A parceria desenvolvida pelos sujeitos envolveu organização e escuta, mas também disputas e conflitos. O suporte das mídias alternativas, de pessoas e instituições com doações de alimentos, de produtos de limpeza e

manutenção, bem como a presença física de professores de outras instituições, interessados em dialogar, aprender e ensinar, fizeram de cada momento uma vivência de interação, de reflexão e transformação.

Observamos que o movimento provocou a valorização das diferentes instâncias da comunidade onde se encontra inserida a instituição. A prática da autogestão possibilitou que os alunos se colocassem no lugar dos gestores. Gadotti (2008), explica que “autogestão não é participação, pois participar significa engajar-se numa atividade já existente com sua própria estrutura e finalidade” (p. 17). O que ocorria ali era a inauguração de algo novo, um raro momento de autonomia liderado pela maioria dos estudantes e respaldado por uma significativa parcela do corpo docente e da comunidade. Também ficou evidente a preocupação e proximidade de setores que se ofereceram para participar da prática estabelecida. A escola se constituiu como espaço sociocultural, a partir de um intercâmbio com setores da cidade.

Santos (2009) indica que a democracia precisa ser radical. Radical no sentido de radicalmente distinta de todas as formas autocráticas de gestão. O Iepic, a nosso ver, vivenciou uma troca democrática e radical durante o período observado. Os avanços políticos, sociais e pedagógicos entre os envolvidos foram e continuam a ser reconstruídos diariamente.

Cortella (2013) nos recorda que “a desacomodação, em vários momentos, nos provoca e nos impulsiona para um momento que pode e precisa ser melhor” (p. 23). Dessa forma, percebemos que as escolas ocupadas e seus atores não serão mais os mesmos. A expectativa é de que a acomodação que nos conduzia para o envelhecimento das práticas e das ideias, seja balanceada pelas ocupações e avance na desacomodação. Logo, esse processo é, em última instância, emancipatório, pois garante uma experiência em que pessoas de diferentes idades se sentem livres, autônomas, isto é, capazes de fazerem por si mesmas e tomar decisões a partir do coletivo. O relato de alguns alunos nos revela atuações em prol de transformações: “Essa luta só foi possível porque os alunos das escolas estaduais de Niterói e São Gonçalo acreditaram em uma luta de classe social. E essa foi a razão pela qual ‘ocupamos’ o nosso tempo, desde o dia 2 de março de 2016” (Aluno C.S., Curso Normal, Iepic).

A fala revela que se tratava de um movimento articulado entre os estudantes da rede. A ocupação do Iepic não era um acaso, mas fazia parte de um movimento maior, que abarcava os estudantes das redes públicas, que se iniciou em 2015, em São Paulo, após o anúncio de um programa de reestruturação da rede estadual, que pretendia fechar escolas menores e periféricas e concentrar os estudantes em unidades maiores e centrais. No caso do Rio de Janeiro, os estudantes aderiram à greve dos servidores, em meio a uma das mais graves crises financeiras, transformando o espaço escolar em um espaço público em seu sentido mais primitivo. “Quarenta alunos e cinco professores foram para as ruas de Niterói e Rio de Janeiro para deixar claro que a greve é uma ferramenta de classe; depois de cinco passeatas, nasceu a ocupação” (Aluno C.M, Curso Normal, Iepic).

A escola pública, que, no Brasil, concentra os estudantes das classes populares, possui um grande potencial emancipatório, muitas vezes não exercido. A ocupação tem papel fundamental, pois coloca em primeiro plano esse sentimento de pertença associado à questão das desigualdades. A arte é uma importante ferramenta para isso. Rangel e Rojas (2014) indicam que tanto a arte quanto a ciência dão à pessoa “condições de indagar, de elaborar hipóteses, de construir conceitos, perceber e investigar problemas; ambas podem adotar métodos de investigação consistentes” (p. 76), como no seguinte relato: “Tivemos medo de falar na escrita e buscamos na arte a nossa forma de expressar. Ocupar a escola significa fincar os pés e mãos, como primitivos... mãos pintadas nas paredes como marcação de território: a escola era nossa...” (Aluna M.E., do Curso Normal).



Imagem 2: Mãos “primitivas” ocupando a escola e o dragão que finalmente fala

Essa imagem demonstra a liberdade de expressão adquirida a partir das ocupações, quando muitos alunos e alunas tiveram a chance de se expressar verdadeiramente, pela primeira vez, através da arte. Essa libertação é metaforicamente a grande boca que se abre, a língua que se projeta e as mãos que marcam as paredes.

Entre o lírico e o irônico, os alunos expressaram através da arte o sentimento de revolta, transformação e renascimento. A ocupação do espaço escolar é também a customização do ambiente, com aquilo que os representa. Da mesma forma que o espaço urbano sofre intervenções artísticas, a escola também, para ser autônoma, precisa ter “a cara” de sua comunidade. Gadotti (2008) relembra que a luta pela autonomia da escola é, na verdade, uma luta por uma autonomia maior, no seio da própria sociedade.

Sendo assim, ocupar a escola é se posicionar no mundo, é trazer para si a responsabilidade da voz ativa. A diversidade é a chave para a democratização do espaço e das ações. Os alunos e alunas, que não se sentem representados pelo governo, pela educação, pelas representações, criam suas próprias formas de olhar o mundo. As representações culturais dos alunos expressam a pluralidade, a integração, o dinamismo que a sociedade contemporânea possibilita.



Imagem 3: Representações da diversidade

Além de palestras, debates, aulas e atividades culturais, produzimos uma oficina de artes sobre o movimento “#OCUPAIEPIC”. As alunas e alunos puderam compor um trabalho coletivo, que foi intitulado “A Árvore da Vida”, no qual se buscou refletir sobre ações internas que geraram mudanças no cotidiano, bem como de palavras/desejos/necessidades vitais para a continuidade das ações que dão novo sentido ao espaço escolar, desde o tronco até galhos e folhas.



Imagem 4: “A Árvore da Vida” repleta de desejos

A árvore é uma metáfora da ocupação, que não pode ser encarada como um fato isolado, mas, sim, como algo vivo, que cria raízes na escola e proverá frutos no presente e no futuro. Trata-se de um movimento, portanto, dinâmico, inovador, que, apesar dos atritos, move o coletivo em direção a novas descobertas.

Na medida em que o associativismo, a cooperação, a partilha voltam a ser valores da escola, trazidos por alunos e alunas, e não mais pelos seus antigos donos, percebemos que algo está mudando. Sem a ingenuidade de enfrentamento ao sistema, os estudantes se mobilizam por sua escola, algo que já deveria lhes pertencer. A partir de um enfrentamento restrito ao espaço, sublimam seus objetivos com um efeito em cascata, que contagia outros espaços sociais.

4. Considerações finais

A partir da observação participante, realizada ao longo de dois meses durante o “#OCUPAIEPIC”, percebemos que a democratização dos espaços e processos foi a grande demanda dos estudantes e demais envolvidos. E, por democratização, entende-se não apenas participação, mas possibilidade de gestão direta e autônoma. A ocupação serviu como um corte ideológico no que vinha ocorrendo na rede estadual de educação do Rio de Janeiro.

Tratou-se de uma interrupção das práticas dominantes em busca de uma legitimidade reprimida dos jovens.

Resgatamos, a partir de Groppo (2006), um relato feito pela autora italiana Rossana Rosanda, que integrava o Partido Comunista Italiano e participou ativamente dos movimentos de ocupação estudantil de 1968 na Europa, ainda que com críticas ao radicalismo do movimento estudantil. Para ela, esse mesmo radicalismo também permitiu “o exercício de uma experiência comunitária nas ocupações, vividas em cada local como o embrião do socialismo igualitário, antiburocrático, liberando a criatividade do sujeito” (ROSANDA, 1968 apud GROPPPO, 2006, p. 64).

Ainda que a análise de posições políticas não seja o nosso foco, as ideias de desburocratização e libertação da criatividade dialogam com a observação realizada no lepic. Conseguimos extrair, como resultados, a noção de que a ocupação vai além da presença física nos espaços, mas se estabelece no pertencimento ao espaço, com sua arte, seus pensamentos, seus desejos representados graficamente. A pintura das paredes, os projetos artísticos realizados traziam a potência daqueles alunos para a escola, algo que, para eles, estava esquecido.

A identidade e a autenticidade são características marcantes da juventude. Não é coincidência quando Bourdieu (2013) aponta para a presença de duas juventudes – *deux jeunesses* – pois entende que a ela se forja no contexto em que se socializa: a juventude das classes populares quer coisas diferentes daquela das classes médias e altas. No movimento de ocupação, sobretudo na observação e nas interações realizadas no lepic, essa distinção se comprova. Através da arte, das manifestações culturais, extraímos percepções, sentimentos, sobre a escola que se quer e a sociedade que se quer.

Se, para alguns, a arte imita a vida, ousamos afirmar que a arte transforma a vida, recria o sistema, renova esperanças e forma para a transformação. Nesta pesquisa, apreendemos que a reconfiguração identitária se dá através da ocupação espontânea, autêntica e autônoma. Não basta ocupar o espaço; é preciso preencher o tempo, povoar as ideias em um movimento descolonizador, contra-hegemônico e subversivo, na melhor concepção da palavra.

Finalizamos com uma poesia, que muitos nos tocou, produzida pela aluna M. E., do Curso Normal, que representa todo o processo de ocupação e luta por nós analisado.

Essa história não é só nossa

Estávamos em luta...

Luta por melhorias, pelo reconhecimento do aluno como transformador e disseminador de ideias de vida... e somos VIDA!

Resistência... medo... logo agora? Tá cedo pra ter medo...

Tínhamos pouco, mas o bastante pra viver ali.

Alma em sofrimento, mas é preciso falar.

Como? Com as tintas... Prefiro então pintar... a arte diz a vida!

Pintamos as nossas mãos no muro da escola, como primitivos...

Tomamos posse do que é nosso!

Pinto as notas musicais que gritam a alegria das mudanças...

A minha escola não é só a minha sala...

Posso com o professor mudar o mundo...

O professor segura a nação nas costas e estamos com eles!

Queremos ser como eles!

Sair da carteira, da postura de só receber: a gente quer a liberdade de criar.

Não existe mudança sem trabalho...

portanto, precisamos mudar para transformar.

Revolu... Ação, assim escrevemos no muro da escola.

É tempo de agir, de resistir, de idealizar, de crer, de sentir...

Se não acreditarmos na essência, ficam apenas as palavras...

A poesia não segue nenhuma estrutura ou métrica predeterminada, o que poderia demonstrar falta de conhecimento ou de senso estético. Enxergamos de outra forma: os versos em tamanhos distintos, as rimas ocasionais expressam a liberdade criativa, a potência decorrente do momento e do movimento político. Diante de tantas amarras, a escrita livre, fluida, trazendo aquilo que lhes fala ao coração é a demonstração de como a arte é libertadora e formadora de consciência. Apesar de ser um poema escrito por uma pessoa, concluímos que ele representa o grupo, o coletivo, os alunos e alunas do #OCUPAIEPIC. Trata-se de uma obra catártica e, ao mesmo tempo, sincrética, algo feito, não a várias mãos, mas a várias cabeças. Trata-se de uma representação da representação cultural: a metalinguagem em seu estado mais puro.

Referências bibliográficas

- ARAUJO, Raquel Dias. O movimento estudantil não é coisa do passado: de maio de 1968 às mobilizações e ocupações de 2007 e 2008. *Universidade e Sociedade*, ano XIX, n. 44, p. 159-171, julho 2009.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. *Questions de sociologie*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2013.
- BRAGHINI, Katya Mitsuko Zuquim. *Juventude e pensamento conservador no Brasil*. São Paulo: EDUC; FAPESP, 2015.
- BRITTO, Sulamita de. (Org.). *Sociologia e juventude, IV – os movimentos juvenis*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- CORTELLA, Mário Sérgio. *Pensar bem nos faz bem!* Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- EINSENSTADT, Shmuel. Grupos informais e organizações juvenis nas sociedades modernas. In: BRITTO, Sulamita de. (Org.). *Sociologia e juventude, IV – os movimentos juvenis*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968. p.13-30.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GADOTTI, Moacir. *Escola cidadã*. São Paulo: Cortez, 2008.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GROPPO, Luís Antonio. *Autogestão, universidade e movimento estudantil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.
- _____. *Uma onda mundial de revoltas: movimentos estudantis nos anos 1960*. 2000. (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2000a.
- _____. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: Difel, 2000b.
- HOBBSAWM, Eric. *A era das revoluções: 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- _____. *A era do capital: 1848-1875*. São Paulo: Paz e Terra, 2014a.
- _____. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *Tempos fraturados: cultura e sociedade no século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo 1: neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- _____. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo 2: necrose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

PASSERINI, Luisa. A juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre os jovens: a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950. In: PAIS, José Machado. A juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. *Saúde Soc.*, v.18, n.3, p.371-381, 2009.

_____. De uma geração rasca a uma geração à rasca: jovens em contexto de crise. In: CARRANO, Paulo; FÁVERO, Osmar. *Narrativas juvenis e espaços públicos: olhares de pesquisas em educação, mídia e ciências sociais*. Niterói: EdUFF, 2014. p.71-98.

RANGEL, Mary; ROJAS, Angelina Accetta. Ensaio sobre arte e ciência na formação de professores. *Revista Entreideias*, v. 3, n. 2, p. 73-86, jul-dez 2014.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

ROSA, Cristina de Souza da. Pequenos soldados do fascismo: a educação militar durante o governo de Mussolini. *Antíteses*, v. 2, n. 4, p. 621-648, jul-dez 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa; AVRITZER, Leonardo. Introdução: para ampliar o cânone democrático. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). *Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2009. p.39-82.

SAVAGE, Jon. *A criação da juventude: como o conceito de teenager revolucionou o século XX*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SILVA, Luiz. (Org.). *Escola cidadã: teoria e prática*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

TROTSKY, Leon. A luta contra a juventude. In: BRITTO, Sulamita de. (Org.). *Sociologia e juventude IV – os movimentos juvenis*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968. p.31-42.